

## FOCO

Lalo de Almeida - 2.set.2013/Folhapress



Máquinas trabalham em canal da usina de Belo Monte

## Usina de Belo Monte manteve em segredo veio de ouro, agora já sepultado sob concreto

MARCELO LEITE  
DE SÃO PAULO

“Quando analisamos as rochas escavadas do sítio Belo Monte, verificamos que várias delas continham traços de ouro. A partir daí, todo nosso esforço foi manter esse segredo, para evitar que Belo Monte se transformasse numa nova Serra Pelada.”

O “verdadeiro segredo de Belo Monte” —a existência do ouro— foi revelado ontem por Antônio Kelson Elias Filho,

diretor de Construção da Norte Energia —detentora da concessão da hidrelétrica.

Não chega a ser surpresa que um veio do metal tenha sido descoberto na região da cidade paraense de Altamira, à beira da Transamazônica.

Afinal, a cerca de dez quilômetros de outro canteiro de Belo Monte, o do sítio de Pimental, começam os trabalhos para abrir a maior mina de ouro a céu aberto do Brasil, Belo Sun.

E Serra Pelada, o maior ga-

rimpo do país, fica a 400 km dali, em linha reta (o que, em território amazônico, pode ser considerado perto).

## TESOURO SEPULTADO

Segundo Kelson, o veio até seria economicamente viável, se fosse avaliado de maneira isolada.

Como sua exploração implicaria adiar a construção da hidrelétrica de Belo Monte, no entanto, a ideia foi abandonada.

“Não valia a pena. Fecha-

mos o poço com concreto”, afirma o diretor da Norte Energia.

Assim se sepultou, para sempre, o segredo de Belo Monte.

Kelson havia prometido que “revelaria à **Folha** o verdadeiro segredo de Belo Monte” em setembro, durante visita à usina para a elaboração de reportagem “A Batalha de Belo Monte” ([folha.com/belomonte](http://folha.com/belomonte)).

O segredo seria contado “se a reportagem resultasse equilibrada”. Após o debate sobre a usina realizado no auditório do jornal, antontem (leia texto abaixo), Kelson, como é mais conhecido, cumpriu a promessa.

## TUDO SOBRE BELO MONTE

# Índio e custo acirram debate sobre usina

Ambientalista e especialista em energia criticam modelo de construção e operação de hidrelétrica de Belo Monte

Valor da usina não mudou desde o leilão, diz diretor de empresa responsável; governo não enviou debatedor

DE SÃO PAULO

Críticos ao modelo energético brasileiro e ambientalistas marcaram presença no debate sobre a construção da usina de Belo Monte (no Pará, no rio Xingu) antontem no auditório da **Folha**.

A construção da usina demanda investimento de R\$ 30 bilhões e a primeira turbina deve começar a gerar energia em 2015.

O debate, mediado por Marcelo Leite, jornalista organizador da reportagem “A Batalha de Belo Monte”, reuniu o professor Wilson Cabral, do ITA, André Villas-Bôas, secretário-executivo do Instituto Sócio Ambiental (ISA), e Antônio Kelson Elias Filho, diretor de Construção da Norte Energia.

Representantes do governo federal foram convidados a participar do evento, mas não puderam comparecer por problemas de agenda. Foram convidados Mauricio Tolmasquim, presidente da EPE (Empresa de Pesquisa Energética), e Luiz Pinguelli Rosa, ex-presidente da Eletrobras e diretor da Coppe/UFRJ.

Kelson procurou responder um a um aos principais questionamentos dos demais debatedores e da plateia: 1) o valor da obra, que teria saído de casa de R\$ 6 bilhões para os atuais R\$ 30 bilhões; 2) o fato de que a obra aumentou em 50% a população local; 3) a viabilidade econômica do projeto; 4) o desmatamento ocasionado pela usina; 5) o impacto nas populações indígenas; 6) inundações na cidade de Altamira (PA), entre outros. As respostas:

1) “O valor de Belo Monte



Debate reúne Antônio Kelson (Norte Energia), Marcelo Leite (Folha), André Villas-Bôas (ISA) e Wilson Cabral (ITA)



“Financiar com taxa menor do que a Selic é usar dinheiro público. Quando o governo autoriza a Eletrobras a comprar energia fora do valor normativo, (...) é isso que viabiliza a participação privada

WILSON CABRAL  
professor do ITA

foi R\$ de 25,89 bilhões na data do leilão. Esse valor é reajustado pelo IPCA, daí os atuais R\$ 30 bilhões. É o mesmo valor do leilão”, disse.

2) “Não é verdade que a população aumentou mais de 50%. Fizemos as contas e, nos nossos cálculos, o aumento foi de 8%.”

3) “A viabilidade [econômica] foi comprovada pelo leilão. Houve uma SPE [Sociedade de Propósito Específico], composta de empresas públicas e privadas, que chegou à conclusão de que era viável e deu o lance.”

4) “O desmatamento é menos de 5% do que ocorre anualmente na Amazônia. Belo Monte vai alimentar 60 milhões de pessoas em termos de energia”, afirmou.

5) “Quase virou um dogma dizer que Belo Monte atrapalha a vida dos indígenas. Vocês sabiam que a aldeia mais próxima está a mais de 30 km do ponto mais extremo da obra? Que não é atingido um milímetro quadrado de terra indígena?”

6) “Querida esclarecer também que a cidade de Altamira, mesmo sem barragem, tem, historicamente, o rio a 99 metros acima do nível do mar. A barragem vai manter o rio em 97 metros para não ter inundação”, disse.

## VAIA

Para Kelson, é importante ressaltar os benefícios que serão dados à população local em termos de água, de esgoto, de escola. “Quem ganha é o povo brasileiro, que vai pagar uma tarifa de R\$ 78 por MWh, quando se sabe que as térmicas têm custo superior a R\$ 400, além da poluição.”

Em um determinado momento, quando se referia aos desejos dos índios, Kelson foi

vaiaido ao afirmar que “índio também quer ser gente”, pelo que prontamente se desculpou. “Então me desculpe... vamos dizer que eles querem ter os mesmos direitos do cidadão brasileiro. Não quer ser isolado. Ele quer a comodidade da cidade, quer uma vida melhor.”

Para Villas-Bôas, o poder público não está preparado para responder à altura a todos os impactos ambientais e sociais que uma obra como Belo Monte trouxe à região.

“Um projeto que custa R\$ 30 bilhões e mobiliza 25 mil trabalhadores tem um impacto muito grande. Não acredito que todos os investimentos socioambientais que deveriam ser minimamente realizados acrescentariam custo adicional. Essa conta nunca foi feita”, disse.



“O índio quer antena, pista de pouso para poder sair numa emergência. Nenhum das aldeias indígenas, e estamos falando de 9 povos em 11 terras, 3.000 índios, que quer a obra pare

ANTÔNIO KELSON  
diretor da Norte Energia

O ambientalista afirmou que foram gastos R\$ 100 milhões no “relacionamento” com os povos indígenas, o qual chamou de “cooptação”.

O questionamento foi prontamente respondido por Kelson, que reconheceu que as chamadas compensações acabaram mais por beneficiar lideranças indígenas do que as aldeias.

## MODELO ENERGÉTICO

O professor Wilson Cabral, do ITA, centrou suas intervenções no modelo energético do país. Disse que foram vários os equívocos, especialmente no momento de definir a evolução da demanda de energia nos próximos anos. Ele lembra que essa evolução foi concebida com a premissa de que a economia brasileira crescerá 5% ao ano nos próximos dez anos, mas que o quadro atual é de 2% ao ano.

Também afirmou que houve uma mudança importante no consumo, cujo pico se deslocou do início da noite (entre as 19h e as 20h; é das 13h às 14h por causa do ar-condicionado). Esse é o pico da energia solar”, disse.

“Se tivéssemos 2% de energia solar, estaríamos resolvendo o problema do pico de consumo. O pico hoje não é mais das 18h às 20h; é das 13h às 14h por causa do ar-condicionado. Esse é o pico da energia solar”, disse.

Cabral diz que a usina de Belo Monte, apesar de ser PPP (Parceria Público-Privada) com 51% de participação privada (incluindo os fundos de pensão estatais), tem 95% de dinheiro público.

“Quando eu dou um financiamento com taxa menor do

## Justiça libera as obras da hidrelétrica

DE BRASÍLIA

A Justiça Federal autorizou ontem a continuidade das obras da usina hidrelétrica de Belo Monte (PA). A decisão foi tomada pela Corte Especial do TRF da 1ª Região —instância máxima do tribunal.

Na terça-feira, a 5ª Turma do TRF determinará a imediata paralisação das obras ao acatar recurso do Ministério Público Federal que pedia a suspensão das licenças ambientais concedidas pelo Ibama ao empreendimento.

A decisão também determinava a suspensão dos repasses do BNDES para a obra.

que a Selic, é dinheiro público que está lá. Quando o governo autoriza a Eletrobras a comprar energia fora do valor normativo a R\$ 129 o MWh, enquanto a média do mercado é R\$ 79, isso é dinheiro público. É isso que está viabilizando a participação privada, a única que não vai ter prejuízo nesse processo.”

O único consenso do debate foi em relação ao timing das chamadas medidas compensatórias para minimizar os impactos da obra, que hoje só ocorrem após o leilão. Para os debatedores, o governo poderia iniciá-las antes do leilão e depois cobrar a conta dos vencedores.

**F NA INTERNET**  
Veja o site “Tudo sobre Belo Monte”  
[folha.com/belomonte](http://folha.com/belomonte)



“Em vez de miçangas e espelinhos, foram dadas centenas de TVs de plasma, parabólicas, quinquilharias consumistas, sem nenhum tipo de articulação com um programa de ação

ANDRÉ VILLAS-BÔAS  
diretor do Instituto Socioambiental

Menos é mais. Menos m<sup>2</sup>, mais qualidade de vida e rentabilidade.

Procurando apartamentos compactos inteligentes?

Fale com os especialistas:

[vitacon.com.br](http://vitacon.com.br)

**VITACON**  
REINVENTE A CIDADE